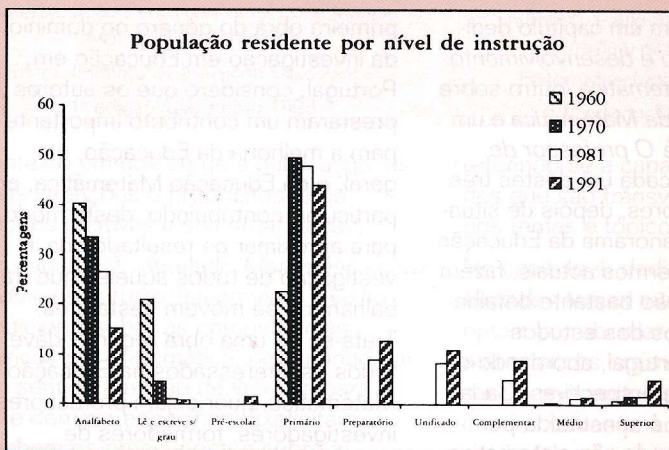


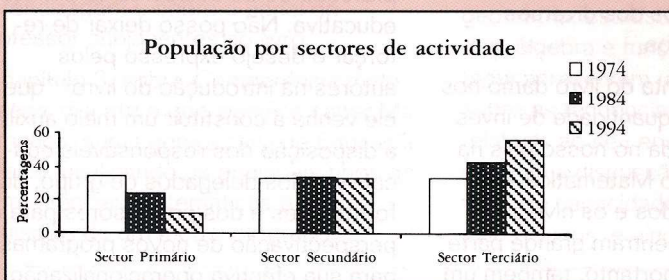
Tempos passados, tempos presentes

Nesta revista, ainda inspirados pela passagem dos 25 anos do 25 de Abril, decidimos olhar para diversos aspectos da sociedade portuguesa e, em especial, para aqueles que se relacionam com a educação. Para isso, consultámos O Estado e a Educação, de Medina Carreira, e Portugal 1960/1995: Indicadores Sociais, António Barreto e Clara Valadas Preto (Cadernos do Público 7 e 8). Reservámos três páginas da revista para mostrar a evolução, nas últimas décadas, de algumas características da sociedade, dos elementos do sistema educativo (alunos, professores e escolas) e de aspectos económicos associados à educação.

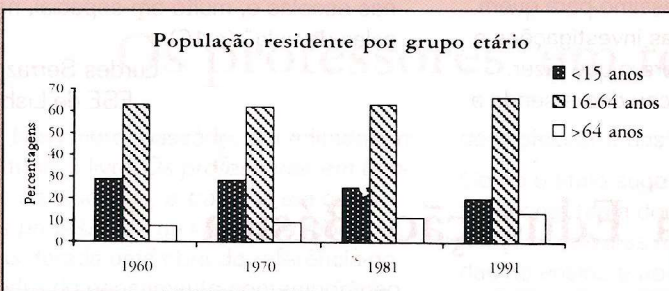
Ana Maria Boavida, Ana Paula Canavarro e Fátima Alonso Guimarães



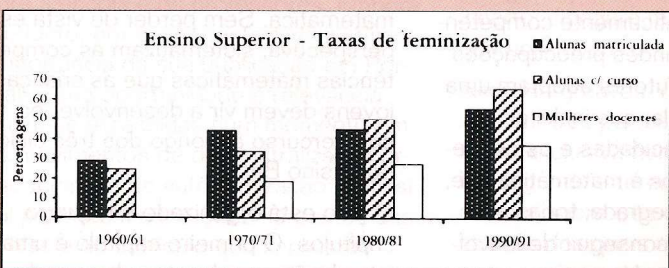
"(...) a população activa portuguesa, no seu conjunto, na década de 1990, ainda exhibe graus de instrução e formação escolar muito baixos. Assim, ainda 66% dos activos têm instrução limitada a quatro anos de escolaridade primária ou menos. Por outro lado, apenas 7% da população activa ou 5% da população residente frequentaram ou completaram um curso superior. O analfabetismo, a cerca de 10%, é ainda alto, o primeiro da Europa." (A. Barreto e C. V. Preto, 1996, p. 37)



"A 'des-ruralização' do país foi muito acelerada, seja por via da emigração para o estrangeiro, seja através das migrações internas de populações para o litoral. (...) A agricultura ocupará, em 1995, menos de 10% da população activa. O sector primário, com perto de 45% do total, em 1960, 'perdeu' mais de um milhão de activos (...). O sector dos serviços ocupa perto de metade da população activa, ainda longe dos 60%, comuns nos países europeus, mas aproximando-se rapidamente desse nível (55% em 1994)." (A. Barreto e C. V. Preto, 1996, pp. 25, 26)



"Os vários indicadores demográficos mostram uma evolução estrutural muito acelerada, no quadro de uma população globalmente estável, desde há 20 anos. A taxa de natalidade baixou fortemente, de 24 para 11 por mil, sendo hoje uma das mais baixas da Europa." (A. Barreto e C. V. Preto, 1996, p. 23)



"Deve salientar-se o facto de as mulheres constituírem a maioria dos estudantes do ensino superior: quase 60% do total, sendo apenas de 29% em 1960. Interessante também é o facto de as mulheres exibirem uma taxa de sucesso ou de conclusão dos cursos, superior aos homens e, com 66%, acima da sua própria percentagem de frequência." (A. Barreto e C. V. Preto, 1996, p. 38)